lência em **Soldier Blue** chocou as boas senhoras que me renegaram em carta furiosa. Dadas as circunstâncias da minha "queda", só posso considerar o fato como uma honra. Aliás, tudo isso é idiota e realmente não me importo. Não ligo para distinções nem prêmios, embora já tenha recebido alguns.

FC — **Soldier Blue** não recebeu qualquer láurea da Academia de Hollywood?

RN — A Academia jamais daria o **Oscar** a um filme que trata de assunto tão controvertido. Mas dois atôres que atuaram em minhas películas ganharam **Oscars**: Sidney Poitier, por seu desempenho em **Lilies of the Field**, e Cliff Robertson, por seu trabalho em **Charly**. O primeiro é um esplêndido ator, embora nem sempre bem aproveitado. E quanto ao segundo, foi, sem dúvida alguma, uma notável experiência trabalhar com êle.

FC — Foi uma magnífica surprêsa descobrir em **Soldier Blue** uma Candice Bergen desmentindo o clássico "mais bonita do que atriz".

RN — Candice é uma mulher sensível e de muito talento que nem sempre tem sido bem dirigida, ou que teve alguns desempenhos sem relêvo, onde apenas "aparecia". Quando eu ia começar a rodar **Soldier Blue**, o agente de Candice procurou-me dizendo que ela desejava o papel de qualquer maneira, já que se tratava de uma película onde os índios aparecem como sêres humanos e não apenas como títeres bradando "how". Confesso que, de saída, hesitei um pouco. Já havia pensado em três ou quatro outras atrizes. Tentei uma por uma. Candice foi indiscutivelmente a melhor. Acho que em **Soldier Blue** tem, na verdade, a mais significativa performance de sua carreira. No papel da exuberante Cresta Marybelle Lee, sem maquilagem e com roupas grosseiras e esfarrapadas, mostrou ter talento dramático comparável aos seus dotes físicos.

FC — E o novato Peter Strauss, principal papel masculino de **Soldier Blue?**

RN — Fazia teatro e estava perdido em Hollywood. Resolvi lançá-lo num desempenho de grande responsabilidade. Não me arrependo. Ao contrário. Consegui dêle tudo o que desejava. É um ator competente e sério.

BERGMANIANA NO OESTE

FC — **Lilies of the Field** levantou dois prêmios aparentemente antagônicos: o do Office Catholique International du Cinéma e a Rosa de Lutero. Os tempos do Concílio explicam?

RN — Decididamente eu não me importo muito com prêmios. Também não olho com tanta seriedade a crítica. Mas é claro que fico satisfeito quando vejo meu trabalho entendido e apreciado. O importante é comunicar, transmitir uma mensagem que possa atingir o maior número possível de pessoas. Foi por isso que troquei o teatro pela televisão, e depois passei ao cinema. Aliás, acho o teatro limitado, uma forma elitista de expressão artística. Só atinge muito pouca gente, restringe o que se quer transmitir. Com o cinema posso entender-me muito mais, dizendo tudo aquilo que quero e penso. É um campo de ação muito mais excitante. Sou inquieto por natureza. Tive uma juventude difícil, embora nascido numa organizada família de classe média de origem escandinava. Já fiz de tudo; agora só o cinema me satisfaz completamente.

FC — Foi essa origem escandinava que motivou de certo modo a escolha de Bibi Andersson para o papel principal de **Duel at Diablo?** Como se sentiu ao colocar uma bergmaniana no Oeste?

RN — Bibi é uma das mais completas atrizes que conheço, e com quem sempre desejei trabalhar. Além disso, como figura humana, possui um magnetismo raras vêzes encontrado. Mostrou-se no deserto do meu **western** tão à vontade quanto nas brumas de Bergman, a quem aliás aprecio e respeito muito.

FC — Qual é o outro diretor europeu de que você gosta?

RN — François Truffaut em primeiro lugar. Mas, entre todos os diretores, sejam do cinema europeu ou americano, o meu preferido é David Lean. Talvez porque eu não seja capaz de trabalhar com aquela paciente meticulosidade que o caracteriza é que o admire tanto.

FC — Fale de dois de seus filmes que obtiveram sucesso: **Requiem for a Heavyweight (Réquiem Por um Lutador)**, feito inicialmente para a televisão e que lhe valeu a conquista do **Emmy** e **Charly (Os Dois Mundos de Charly)**, que despertou tanta controvérsia.

RN — Só gosto de fazer filmes que levem o espectador a meditar. Em **Requiem for a Heavyweight**, história de um boxeur explorado por seu agente inescrupuloso, a tônica era a desumanidade do homem para com seu semelhante. Também em **Charly** abordei um assunto polêmico: o da corrida científica que transforma a pessoa em objeto. Ali se tratava de um retardado mental a quem médicos e pesquisadores emprestaram uma inteligência artificial sem levar em conta, porém, que êle era possuidor de alma e sentimento. Sei bem que o caso é outro, mas considero válido o paralelo: veja o que fazem com os nossos astronautas. Preparam-nos como máquinas infalíveis para chegarem à Lua, transformam-nos em robôs. Depois, só se acontecer algum imprevisto técnico durante a viagem, é que se lembram que são homens e que é preciso fazê-los voltar. É claro que aprecio o progresso da ciência e da tecnologia, mas quando isto serve para melhorar a condição humana e não para conquistas bélicas ou interêsses financeiros. O que está acontecendo agora nos Estados Unidos, põe em questão a própria civilização. Há, de certo modo, um ambiente irrespirável. A sociedade americana está doente, vive-se numa inversão de valôres. Foi por isso que me mudei com minha família para a Europa. Fixei-me na Inglaterra sem data para sair.

FC — Qual é o tema de **Flight of the Doves**, que você acaba de realizar na Irlanda?

RN — É a história de uma família feliz, nada semelhante a **Soldier Blue**. Também gosto, às vêzes, de trabalhar com temas mais leves, desde que a mensagem contida seja sólida e não recaia na gratuidade. **(MP)**

"BARÃO OTELO": UM FILME-ANTÍDOTO

João Sem Direção é a síntese de tudo o que Grande Otelo já fêz em mais de setenta filmes, desde 1935 — uma síntese projetada e multiplicada por tôdas as dimensões do sonho e do absurdo.

O Barão Otelo no Barato dos Milhões, portanto, começa por aceitar e dirigir todo o mito do próprio Grande Otelo, êsse Sebastião Prata de Uberlândia que se transformou num dos poucos nomes nacionais de nossa época.

Com oito anos de carreira cinematográfica e alguns mais de teatro, já em 1943 Grande Otelo merecia um fil-

Miguel Borges dirige o "Rei" Pelé em Barão Otelo.

me semi-autobiográfico, **Moleque Tião,** que Alinor Azevedo escreveu e José Carlos Burle dirigiu. Veio depois a grande fase da chanchada, em que foi parceiro de Oscarito. E, quando o Cinema Nôvo ainda estava em gestação, Nelson Pereira dos Santos a êle dedicou **Rio, Zona Norte** (1957).

Presente em todos os momentos decisivos de nosso cinema, não é de admirar que Grande Otelo houvesse sido convocado por Joaquim Pedro de Andrade para a antropofagia de **Macunaíma** — e, agora, por Miguel Borges, para a **virada** que **Barão Otelo** promete dar no falso beco sem saída do cinema popular brasileiro.

João Sem Direção é o apelido de João Otelo dos Anzóis Carapuça, nascido num lugar que fica no Sistema Solar, a uns 35 mil anos luz do centro da Galáxia: Madureira. Para sustentar suas três mulheres, antes de se ver transformado em barão lotérico, João Sem Direção vira-se mais do que charuto em bôca de bêbado: trabalha num pôsto de gasolina, vende tudo quanto é muamba, topa tôdas as espécies de biscate (é, entre outras coisas, gandula no Maracanã).

Um dia, conhece Carvalhais (Ivã Cândido) e tudo começa a mudar em sua vida. Homem de mil negócios e muitas secretárias, Carvalhais percebe que João Sem Direção é a própria personificação da sorte; e, com as instruções de Carvalhais e a ajuda financeira do banqueiro Edson Arantes do Nascimento (também conhecido como Pelé), João dá uma tacada de milhões.

Na nova (e assustadora) vida de milionário, João Sem Direção é assediado por fôrças ocultas (no trio sinistro formado por Wilson Grey, Hildegarde Angel e Procópio Mariano), recebe a ajuda misteriosa de um alquimista (Milton Morais) e cai nas irresistíveis garras de Maria-Vai-Com-as-Outras (Dina Sfat).

A já complicada realidade de João Sem Direção passa a ter um ritmo de pesadelo, um clima de alucinação.

— **O Barão Otelo no Barato dos Milhões** é um filme popular, de alta comunicabilidade e alto nível de produção, utilizando todo o patrimônio de maneiras de fazer cinema inventadas pelos brasileiros em 70 anos — declara Miguel Borges. — É um filme que recusa qualquer rótulo: não é um filme para a classe A, nem para a classe C, muito menos para a B; não é uma comédia nem um drama ou um musical; não é chanchada nem um filme de cangaço; não é drama urbano nem um filme político; não é uma obra digestiva nem um trabalho de pêso. É um filme que vai passar a ser líder ou carro-chefe, no Brasil, dêsse esfôrço universal de recuperação do cinema como uma arte universal, como um bem comum a tôdas as classes e todos os povos. Enfim, é um filme de abertura total para o futuro próximo do cinema brasileiro.

ERRATAS

Filme Cultura pede desculpas aos leitores por três incorreções verificadas nesta seção, no número passado: 1ª — Na legenda da foto superior na página 26 (artigo "David Neves e Rubem Fonseca Falam de Lúcia McCartney") o ator que aparece ao lado de Paulo Villaça é Nélson Dantas, e não Rodolfo Arena; 2ª — O autor do curta-metragem **Os Sete Povos,** dado como sendo um desconhecido (nota "A Hora e a Vez dos Filmes Históricos"), trata-se de Galeno Cezimbra, especialista em produções didáticas para nível médio e superior; 3ª — Cosme Alves Neto não se encontra há dez anos na direção da Cinemateca do MAM, como registramos aqui. Naquela ocasião, êle estava era à frente do GEC da UME.

MOVIMENTO

Redatores de "Movimento": Alberto Silva (AS), Marcos Ribas de Faria (MRF), Mirian Alencar (MA), Paulo Sérgio Almeida (PSA) e Maribel Portinari (MP).